

Prólogo	7
CAIXA I	15
Intermezzo	175
CAIXA II	181
Epílogo	315
Notas	323

Vais estar no meu enterro?

Ela baixa os olhos para a chávena de café que tem à frente e não diz nada.

Vais estar no meu enterro, pergunta ele outra vez.

Ela diz, mas tu ainda estás bem vivo.

Mas ele pergunta pela terceira vez: vais estar no meu enterro?

Vou, diz ela, é claro que vou estar no teu enterro.

Há uma bétula junto ao sítio que escolhi.

Que bonito, diz ela.

Quatro meses mais tarde, está em Pittsburgh quando lhe chega a notícia da morte dele.

Faz anos nesse dia, mas, ainda antes de os primeiros parabéns chegarem da Europa, telefona-lhe Ludwig, o filho dele, a dizer: o pai morreu hoje.

No dia de aniversário dela.

No dia do enterro, ainda está em Pittsburgh.

Às cinco da manhã, dez horas de Berlim, levanta-se pontualmente à hora do início da cerimónia, coloca uma vela em cima da mesa do quarto de hotel, acende-a e põe música da Internet a tocar para ele.

O segundo andamento do concerto em ré menor de Mozart.

A ária das *Variações de Goldberg* de Bach.

A mazurca de Chopin em lá menor.

Todas estas peças musicais têm intervalos em que passa publicidade.

O novo Hyundai. Um banco que concede empréstimos para a casa. Um medicamento para a constipação.

Quando, seis semanas mais tarde, regressa de Pittsburgh a Berlim, vê o monte de areia recente com a bétula ao lado. As rosas que pediu a um amigo para lhe pôr em cima da campa já foram retiradas. O amigo conta-lhe como foi o enterro. Houve música a acompanhar.

Que música?, pergunta ela.

Mozart, Bach e Chopin, diz o amigo.

Ela acena com a cabeça.

Meio ano mais tarde, o marido dela está em casa quando uma mulher vem entregar duas grandes caixas de papelão.

Vinha a chorar, diz ele, dei-lhe um lenço.

As caixas ficam no escritório de Katharina pelo Outono adentro.

Nos dias em que vem a empregada da limpeza, Katharina põe-nas em cima do sofá e, uma vez limpo o escritório, volta a pô-las no chão. Quando precisa de usar o escadote dos livros, empurra-as para o lado. Não tem espaço na sua estante para duas grandes caixas. Muito recentemente, houve uma inundação na cave. E se as levar sem mais para o lixo, tal como estão? Abre a caixa de cima e espreita para dentro. A seguir, volta a fechá-la.

Diz-se que Kairos, o deus do instante auspicioso, tem uma ma-deixa sobre a testa, só sendo possível agarrá-lo por esta. Mas, se o deus passou, deslizando sobre os seus pés alados, apresenta-nos a nuca calva, e esta é lisa, sem nada que seja possível agarrar. Aquele momento em que encontrou Hans, sendo, à época, uma rapariga de dezanove anos, foi auspicioso? Num dia dos inícios de Novembro, senta-se no chão e começa a inspeccionar o conteúdo da primeira e, depois, da segunda caixa, folha a folha, pasta a pasta. No fundo, é um campo de ruínas. As anotações mais antigas são de 1986, as mais recentes, de 1992. Encontra cartas e cópias de cartas, apontamentos, listas de compras, agendas anuais, fotografias e negativos, postais, colagens, aqui e ali um artigo de jornal. Um pedaço de açúcar do Café Kranzler desfaz-se-lhe nas mãos. Há pétalas espalmadas que caem do meio das páginas, fotografias tipo passe presas com cliques a folhas de papel, uma caixa de fósforos tem dentro um tufo de cabelo.

Também ela tem uma mala com cartas, cópias de cartas e lembranças, a maior parte, *material espalmado*, como se diz na lingua-

gem dos arquivos. Tem os seus diários e agendas. No dia seguinte, sobe ao escadote das estantes e tira da prateleira de cima a mala, coberta de pó por fora e por dentro. Há muitos anos, os papéis, os das caixas dele e os da mala dela, travaram um diálogo entre si. Agora, travam um diálogo com o tempo. Numa mala assim, numa caixa assim, o fim, o princípio e o meio jazem juntos, indiferentes, no pó dos decénios, jaz o que foi escrito para enganar e o que foi pensado como verdade, o que se silenciou e o que se contou, tudo isso, queira ou não queira, jaz estreitamente imbricado, jazem as contradições, a raiva emudecida e o amor emudecido jazem juntos num envelope, numa e na mesma pasta, o que se esqueceu está exactamente tão amarelecido e amarrotado como aquilo que, vaga ou distintamente, se recorda. Com as mãos a ficarem também cheias de pó de examinar as velhas pastas, Katharina pensa, instintivamente, em como o pai, nos seus aniversários da infância, fazia sempre o papel de feiticeiro. Lançava ao ar um baralho inteiro de cartas de jogar e, depois, tirava do meio das cartas que voavam por todo o lado aquela que ela ou uma das outras crianças antes fixara.

# Caixa I

I/1

Nessa sexta-feira de Julho, ela pensou: se ele agora ainda aparecer, já eu terei ido à minha vida.

Nessa sexta-feira de Julho, ele esteve o dia todo a trabalhar em duas linhas. Ganhar o pão custa mais do que as pessoas imaginam, pensa.

Ela pensou: ele então que se arranje.

Ele pensou: e isto hoje já não vai melhorar.

Ela: talvez o disco já tenha chegado.

Ele: parece que os húngaros têm o Lukács.

Ela pegou na malinha de mão e no casaco e saiu para a rua.

Ele pegou no casaco e nos cigarros.

Ela atravessou a ponte.

Ele seguiu pela Friedrichstraße acima.

E ela, porque ainda não se avistava o autocarro, deu um saltinho ao alfarrabista.

Ele passou pela Französische Straße.

Ela comprou um livro. E o livro custava 12 marcos.

E, quando o autocarro parou, ele entrou.

Ela tinha o dinheiro certo.

E saiu da loja no preciso momento em que o autocarro estava a fechar as portas.

E, ao ver o autocarro ainda à espera, pôs-se a correr.

E, contra o costume, o motorista do autocarro voltou a abrir a porta traseira para ela entrar.

E ela entrou.

---